

O que nos contam os muros? Relações entre a rua, o grafite e o feminino

Ixchel Barbosa de Carvalho
Orientadora: Regina Dalcastagnè

INTRODUÇÃO: Préito à cidade, ao discurso e à própria voz

Quando andar pelas ruas de Taguatinga, experimenta-se o quanto a "cidade é o autêntico chão sagrado da flânerie" (BENJAMIN, 1994) e, nesse percurso, destacam-se os muros. Eles narram sujeitos que existem, ocupam e pertencem à cidade, e as paredes são o espaço de fruição dessas identidades. Nesse contato, os indivíduos são afetados pelo que está na rua, e intervenções como o grafite se colocam como uma forma de "inspirar a sensibilidade de quem as observa" (SACRE, 2013). A partir dessa interação, compreende-se que o espaço urbano é palco pulsante de disputas de poder, e que a rua representa o lugar da disputa de vozes, que constroem narrativas, criam signos e configuram o imaginário coletivo. Ter voz, construir narrativas e representar si é poder. O poder é um conjunto de relações que formam a pressão do tecido social, e é um fenômeno que se dá na interação (FOUCAULT, 1979). E essas disputas criam, recriam e lembram discursos – e, ao fazê-lo, também silenciam subjetividades. Assim, mesmo que o grafite e o picho dialoguem de formas diferentes com a dinâmica da cidade, sendo o grafite mais aceito socialmente por advir das artes plásticas e a pichação advir das palavras, considerado crime, ambos "discutam e denunciem valores sociais, políticos e econômicos, apropriam-se do espaço urbano e democratizam o desburocratizam a arte" (GITAHY, 1999). Portanto, a cidade é o espaço pelo qual a artista de rua luta, e o local de luta em que ela se coloca no "visível" e a fim de ter sua subjetividade representada no discurso e reconhecida pela sociedade.

O ROSTO QUE INTERPOMPE: A mulher que grafita

Ao colocar-se na rua, a artista, enquanto grafiteira, pichadora e mulher, reivindica seu espaço no discurso, ocupando a cidade com sua arte – que também é literatura – como forma de pertencimento ao mundo. E, no ato de estar na rua, o exato instante de pôr as próprias tintas nos muros, é onde se dá a introdução do "outro" no discurso, é o exato momento em que este "outro" atinge a cidade e os sujeitos, é a hora em que a mulher pichadora e grafiteira expõe seu rosto à sociedade, demonstrando toda a sua alteridade. É no rosto que se encontra a legítima expressão da exterioridade do outro, aquele que é imprevisível, autônomo e surpreendente, aquele que transcende à própria presença (LEVINAS, 1961). E, assim, enquanto mulher grafiteira, agora val à rua apropriar-se da cidade por meio das próprias tintas e linhas, apoderando-se tanto da arte quanto dos territórios, ambos espaços que sempre foram negados às mulheres (BARROS, 2016).

A RUA É DELA: BRIXX FURTADO

Mulher que se coloca no mundo, que enfrenta os medos da rua e apropria-se dos muros da cidade para expressar-se, Brixx Furtado começou a grafitar para perder o medo que tinha do mundo, perder o medo das pessoas, perder a timidez. Brasileira e moradora de Taguatinga, ela coloriu a cidade com as próprias tintas, dando forma a "monstros que representam os medos que preciso enfrentar para estar no 'visível'". Formas geométricas, cores vibrantes e sem sombreamento são os traços de Brixx. Nesses, ela imprime sua personalidade, ressignificando os muros pelos quais passa e "tomando a cidade expressiva", demonstrando que "o território não existe como dado para nenhum indivíduo, ele deve ser inventado" (KLINGER, 2014, p. 164). Em entrevista, Brixx declarou que a cidade é dela e de todos, e afirmou que "quando o artista ocupa os espaços públicos, ele cria uma relação com o mundo por meio da arte. Pessoas que nunca se viram algum está conectado por conta dessa relação. É uma intervenção que acaba fazendo parte da vida de todo mundo".

"A partir do momento em que a gente intervém na rua, a gente mostra que a cidade também é nossa, que ela faz parte de nós também. A gente mostra que pertencemos a aquele lugar e que ele nos pertence. Mostramos que existimos. Ser mulher no grafite é um ato de resistência."



OBJETIVOS

Compreender como a rua, enquanto espaço de criação, é ocupada pela mulher grafiteira e pichadora, a fim de analisar como as disputas de poder interferem na construção do imaginário coletivo. Neste caso, no silenciamento de corpos e vozes femininos.

METODOLOGIA

Quando na cidade, se colocar enquanto ser que contempla a rua compreende o quanto esse espaço interfere no cotidiano dos sujeitos, foi o primeiro passo para a realização deste trabalho. Além da flânerie por Taguatinga, região administrativa do Distrito Federal, entrevistas foram realizadas com Brixx Furtado – artista plástica, designer, grafiteira e pichadora – que compartilhou a vivência de ser uma mulher que ocupa a rua e os desafios que enfrenta neste espaço que também é palco de disputas ideológicas. Para a análise, utilizou-se Foucault e Beauvoir para compreender como o discurso, permeado pelas relações de poder que lhe são intrínsecas, afeta o feminino.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARROS, Roberta. *Eligio do topico ou como fazer de arte feminista à brasileira*. Rio de Janeiro: Ed. do Autor, 2016.
BARKER, Charles. *O prazer da vida moderna*. Sobre a modernidade. São Paulo: Paz e Terra, 2001.
BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2014.
BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2014.
BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2014.
BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2014.
BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2014.
BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2014.
BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2014.
BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2014.
BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2014.

CONCLUSÃO

As disputas de poder que se funcionam nas relações em sociedade delineiam o imaginário coletivo legitimando o silenciamento de vozes e corpos. Ao ocupar a rua, o feminino luta para ser compreendido e representado pela sua alteridade, e não a partir de um masculino, que a deslegitima enquanto ser gênero: "A mulher determina-se e diferencia-se em relação ao homem, e não este em relação a ela; a fêmea é o inessencial perante o essencial. O homem é o Sujeito, o Absoluto; ela é o Outro" (BEAUVOIR, 2016, p. 12-13). Dessa forma, por meio de grafite e do picho, mulheres como Brixx Furtado encontram o lugar de fruição das suas vozes, e ocupam a rua, mesmo com medo, a fim de apropriarem-se dos espaços urbanos mostrando que têm voz própria, que seus corpos têm vida e que eles gritam que existem e que fazem parte da cidade e do discurso.